

# humanitas

## 160




### MULHERES DILUÍDAS

AÇÕES ESSENCIAIS PARA  
RECONHECER O TRABALHO  
E O CUIDADO FEMININO  
NA PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E CULTURAL DO BRASIL

EDITORA  
**escala**

EDICÃO 160 - PREÇO R\$ 20,00  
ISSN 2675-5623  
0.01.1.00  
9 772675 56260001

BIBLIOTECA NACIONAL: FÉ NOS LIVROS E NA DIVERSIDADE INSPIRA A NOVA GESTÃO DE MARCO LUCCHESI



Abusos contra os direitos dos trabalhadores sempre existiram, mas a desmobilização das bases trabalhistas e o fortalecimento das agendas político-autoritárias têm promovido o processo de degeneração da vitalidade do trabalhador

POR FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL

# RAL

“Uma governança que se compromete diretamente com o desmantelamento dos direitos trabalhistas e que se associa promiscuamente com as castas plutocráticas certamente é um poderoso agente atuante para a degradação contínua dos trabalhadores cada vez mais desprotegidos legalmente.” Com essa narrativa contundente, o filósofo **Renato Nunes Bittencourt**, professor do curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC-UFRJ), reflete sobre a exaltação das forças do mercado em prejuízo da boa ordenação social.

Desde os tempos de sua formação acadêmica, Bittencourt tem se interessado em estabelecer conexões entre filosofia e outras áreas do saber, para promover interfaces interdisciplinares em sua prática docente, pesquisas e publicações. Estudioso das obras de Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han, dois pensadores que abordam de maneira bastante incisiva as contradições e ambivalências de nossa sociedade contemporânea, ele arrisca fazer um diagnóstico sobre o momento que vivemos e suas consequências para a comunidade. Veja, a seguir, a entrevista exclusiva que Bittencourt concedeu à Humanitas.

**As suas diversas publicações buscam confluência com a existência cotidiana. Você acredita que a filosofia deva contribuir para promover a reflexão crítica na comunidade?**

**Renato Nunes Bittencourt** – Sim, pois o próprio ato de pensar sobre nossa forma de vida e as condições que nos envolvem já é uma tentativa de compreendermos o mundo para nele intervirmos como atores sociais. A filosofia, cabe ressaltar, não busca respostas fáceis ou pílulas motivacionais, tal como defendem alguns discursos espetaculosos mimetizados por determinados segmentos profissionais que se aproveitam de alguns aspectos filosóficos mais impactantes do ponto de vista retórico, mas retiram-lhe a sua radicalidade para torná-la um produto instrumental que gera conformismo e submissão pessoal ao *status quo*. O saber filosófico não depende da chancela acadêmica ou adequação institucional. A filosofia nas escolas e nos cursos universitários é obviamente imprescindível em nossa conjuntura sociopolítica para promovermos esse espaço crítico de reflexividade acerca da condição humana em seus elementos mais multidimensionais, mas ela não se encerra apenas nesses espaços. Daí a importância intelectual de não nos envergonharmos de pensar filosoficamente a vida cotidiana, os caracteres prosaicos da existência e estabelecermos pontos de contato com as artes (literatura, música e cinema, por exemplo).

**A quais autores tem dedicado tempo de estudo e quais têm sido usados para lecionar?**

No decorrer da minha formação acadêmica estabeleci articulações com diversos autores e eixos temáticos, e assim temo ser injusto com alguma ausência aqui. De imediato afirmo que é mister que os clássicos gregos sejam estudados, muitos apresentam problematizações que permitem a compreensão de alguns tópicos bastante instigantes nos estudos filosóficos das organizações, por exemplo, *Hesíodo e a ética do trabalho*, *Xenofonte e a economia patriarcal*.

Nietzsche é o autor fundamental para minha trajetória intelectual, desde meus primeiros anos



**"A DENÚNCIA DO ESTADO MODERNO, O ESTADO BURGUEZ, COMO UMA MÁQUINA GOVERNAMENTAL A SERVIÇO DA CLASSE DOMINANTE EXPRESSA A CONCRETUDE DE NOSSAS RELAÇÕES SOCIAIS E A NECESSIDADE DE UMA TRANSFORMAÇÃO RADICAL DE NOSSA VIDA POLÍTICA, SE DE FATO ALMEJAMOS A EMANCIPAÇÃO PLENA DO GÊNERO HUMANO"**

de graduação em filosofia passando pelo meu mestrado e meu doutorado, abordando diversas nuances da obra nietzschiana, seja a questão da arte trágica, seja a questão da relação entre memória, ressentimento e esquecimento ou, ainda, uma possível experiência religiosa pautada pela imanência em sua obra (debate polêmico e bastante proveitoso pelo qual me aventurei em muitos artigos). Defendo que o estudo da obra nietzschiana jamais descure de analisar a miríade de pensadores abordados por nosso amado filósofo nos seus escritos. Por exemplo, para compreendermos a evolução das críticas de Nietzsche ao cristianismo consolidadas nos seus textos de maturidade (mais especificamente *O Anticristo*), precisamos estudar as influências de Ernest Renan, de Dostoiévski e de Tolstói em sua obra. Por sua vez, não podemos compreender a intensidade conceitual de *O nascimento da Tragédia* sem conhecermos a épica homérica, as obras da grande tríade trágica



grega (Ésquilo, Sófocles e Eurípides), Platão, Aristóteles, Goethe, Schiller, Schopenhauer e Richard Wagner. É fundamental mapearmos as influências nietzschianas amplamente citadas em suas obras e estudarmos suas fontes.

### **Além desses autores, quem mais merece destaque?**

Espinosa também é um filósofo crucial para minhas reflexões sobre ética e política, autor extemporâneo, podemos dizer, pois a degradação institucional em que nos encontramos pode ser compreendida através de uma perspectiva espinozista: a influência do medo e do ódio na construção de um regime político autoritário e obscurantista, contrário ao espírito democrático-republicano substantivo. Schopenhauer é também um filósofo importantíssimo para minhas análises sobre a condição humana, não apenas sua *Metafísica do Belo*, que tanto me inspirou em reflexões sobre as artes, como ainda sua ética calcada nos conceitos de justiça, caridade e compaixão. Considero que Schopenhauer, não obstante traços, digamos, reacionários em seu discurso, apresenta uma grande contribuição para a desmistificação do projeto capitalista-burguês, ao apresentar o desejo como a base de nosso querer e, portanto, de nosso sofrer. O capitalismo (não importa sob qual configuração) prospera por meio da nossa incapacidade de satisfazer nossas inclinações, fazendo-nos sempre querer ter e consumir para sermos felizes. Todavia, após a saciedade imediata, voltamos ao sofrimento. A roda do consumismo segue esse percurso.

### **Nesse currículo, então, também entra Marx...**

Sim, ele é um pensador que me forneceu um importante substrato na minha formação intelectual, um tanto mais tardiamente. As suas análises sobre alienação, reificação, fetichismo da mercadoria e mais-valor na crítica da exploração do sistema capitalista de maneira alguma estão ultrapassadas. O capitalismo muda de aparência, mas sua base ideológica é constante. A denúncia do Estado Moderno, o Estado Burguês, como uma máquina governamental a serviço da classe dominante

expressa a concretude de nossas relações sociais e a necessidade de uma transformação radical de nossa vida política, se de fato almejarmos a emancipação plena do gênero humano. No fundo, vivemos apenas em frágeis ordenanças institucionais que promovem parcas conquistas efetivas para os trabalhadores, conquistas retiradas sempre que a rentabilidade empresarial é prejudicada pelas flutuações econômicas. Daí a grande questão: Reforma ou Revolução? Obviamente que é muito melhor vivermos em um sistema político democrático-conciliatório do que em um regime de exceção tão ao gosto dos autoritários e necrófilos amantes das ditaduras militares. Contudo, mesmo na configuração do dito Estado Democrático de Direito apresentam-se contradições que permitem a perpetuação das desigualdades sociais, do desemprego estrutural, da exploração plutocrática sobre a grande massa de trabalhadores cada vez mais precarizados, da violência estatal sobre os pobres, em suma, da hegemonia dos ricos sobre a grande maioria de nosso tecido social, seja mais suave, seja mais sufocante, sempre sob o palavreado seráfico de que nossas instituições estão funcionando. É crucial estudarmos as obras de Rosa Luxemburgo, Lenin, Lukács, Meszáros, entre tantos outros marxistas.

### **E quanto a Adorno, Horkheimer, Marcuse, Erich Fromm e Guy Debord, que parecem ter tido influência em seus escritos?**

Não posso deixar ainda de enfatizar a importância das obras desses autores nos meus estudos filosóficos quanto aos processos comunicativos, do consumo, da espetacularização social e da reconfiguração da estrutura administrativa-gerencial do poder. Por conseguinte, permitiram-me a conexão entre meus trabalhos progressos acerca dos dispositivos midiáticos e meus estudos presentes sobre o mal-estar do sistema gerencial. Foucault também impactou bastante minhas análises sobre a disfuncionalidade da modernidade. Tomo como grande referência *Vigiar e Punir*. Argumento em alguns dos meus escritos que Bentham, com seu projeto pan-óptico, lança as bases para a administração científica e seus paradigmas

tecnocráticos (disciplina, monitoramento, controle, precisão, hierarquia, comando, impessoalidade etc.). Fayol e Taylor são apenas a ponta de lança de um sistema operacional que foi semeado por Bentham, que, por sua vez, nada mais é que a radicalização do projeto iluminista de aplicação do progresso técnico para o aprimoramento da produção industrial em benefício (presumido) para a humanidade. Desde que adentrei na seara dos estudos filosóficos em Administração e afins, percebi a grande carência teórica dos manuais e das compilações tão ao gosto dos simplificadores: citam-se as contribuições de Fayol e de Taylor sem certamente qualquer estudo dos textos desses autores, que de modo algum estão ultrapassados e explicam diversos problemas percebidos em nosso asfíxiante mundo do trabalho. Podemos compreender as contradições da modernidade pela subversão da técnica em um regime de poder sobre a subjetividade humana, a tecnocracia, e daí os seus efeitos na despersonalização individual. *Grosso modo*, progresso material sem uma substantiva democratização dos meios de produção e sem uma genuína horizontalização das relações sociais descamba para o autoritarismo político, pois a ideia de homem é descartada em nome da rentabilidade e da eficiência.

### **Como filósofo, de que modo você percebe o fenômeno daquilo que alguns teóricos chamam de pós-modernidade?**

Esse é um tema bastante importante e, de imediato, necessitamos realizar uma conceituação precisa. Pós-modernidade significa a superação completa do projeto moderno e todo o seu estofo (apologia do progresso, desenvolvimento da institucionalidade político-constitucional, desenvolvimento qualitativo das ciências, tolerância global, cosmopolitismo, laicidade estatal, assim como as grandes narrativas universalizantes imbuídas de um poderoso senso utópico de transformação ótima da condição humana no porvir). Ora, apesar das suas crises sistêmicas, a modernidade ainda está em vigor. Encontramos contestações desse projeto no fortalecimento da xenofobia, no negacionismo científico, no recrudescimento de

governanças autoritárias, no punitivismo moralista infiltrado no sistema judiciário, na decadência da dita democracia liberal (incapaz de promover a plena qualidade de vida social). Lipovetsky, autor que aprecio consideravelmente, não dá conta dessa plethora semiótica através de sua noção de hipermodernidade, caracterizada pela exacerbação dos fundamentos modernos como o individualismo, o materialismo e o liberalismo. Lipovetsky apresenta uma análise muito pertinente de nossa conjuntura, mas sem realizar um processo dialético, imprescindível para compreendermos as contradições axiológicas da modernidade, que é inevitavelmente ambígua e mesmo aporética. Por conseguinte, a definição cunhada por Bauman é mais razoável, *Modernidade Líquida*, que representa o processo degradante de dissolução de todo o legado moderno em nossa marcha civilizatória e seus efeitos desastrosos em nossa estrutura social, pois o período de transição de uma era para outra é sempre turbulento, ambivalente, fluido, repleto de incertezas e imprecisões. A liquefação da era moderna representa nossa incapacidade de apreendê-la, para maior prejuízo de nosso orgulho gerencial. Daí a importância da metáfora da liquidez empregada por Bauman. Cabe ressaltar que mesmo na consolidação da modernidade encontrávamos de maneira gritante as suas contradições ideológicas: o trinômio igualdade-liberdade-fraternidade era apenas para os povos ditos civilizados (um rude eurocentrismo), o cosmopolitismo apregoado não nos poupou das iniciativas colonialistas-imperialistas em nome da supremacia branca e das guerras mundiais subsequentes. A paz perpétua não aconteceu (aliás, a paz não é a ausência de guerra, mas a concórdia entre as pessoas, parafraseando Espinosa). O saber científico, que de modo algum é neutro, chancelou o racismo eugenista e deu suporte para a barbárie nazista. O controle físico sobre o tempo e o espaço conduziu ao sistema tecnocrático de controle absoluto sobre a própria vida humana. Vejamos, aliás, que na atualidade naturalizamos essa situação ao nos submetermos ao regime de supressão de nossa privacidade pela vigilância contínua, não apenas de nossos atos, mas também de nossos desejos



**"A LIQUIDEZ MODERNA É UM PROCESSO QUE NOS DEIXA NA BEIRA DESSE ABISMO, POIS INSISTIMOS EM MANTER UM PROJETO DE VIDA INSUSTENTÁVEL, EXCLUDENTE, DESTRUTIVO"**

e pensamentos. Cada vez mais tudo é desprovido de espontaneidade. Os algoritmos estipulam o que devemos ver, o que devemos consumir, o que devemos fruir, o que devemos gozar.

**Este cenário, na sua opinião, estaria nos levando a uma espécie de abismo civilizacional?**

A liquidez moderna é um processo que nos deixa na beira desse abismo, pois insistimos em manter um projeto de vida insustentável, excludente, destrutivo. A crise ambiental ameaça um futuro salutar para toda a biosfera e fazem-se usualmente posicionamentos cínicos acerca disso, tudo em nome de interesses plutocráticos, pois o que importa é passar a boiada, mesmo que se queime e se polua o mundo inteiro em nome das forças do mercado. Se o mundo acabar, não será por algum evento externo, tal como costumamos acreditar, mas por nossa própria forma de existência, que faz do risco do cataclisma uma constante. Mais uma vez se apropriando de Bauman, podemos afirmar que estamos na liquidez total, a condição humana está em processo de liquidação e mesmo nossa forma de habitar o mundo que nos cerca. Talvez por isso se pense cada vez mais em distopias galácticas e condições de vida extraplanetárias. Cabe ainda dedicarmos algumas linhas sobre a ideia de verdade, tão importante para nos-

so perene espírito judaico-cristão e que foi convenientemente reconfigurada no desenvolvimento da modernidade através da práxis jornalística e sua busca pela objetividade dos fatos (na contestação disruptiva operada pela governança antidemocrática, prolifera-se a difusão da desinformação e a manipulação da ideia de verdade em nome de um obscuro projeto teocrático-cristão). Trata-se da verdade líquida?

**O filósofo Byung-Chul Han é um grande pensador da exaustão provocada pelo massacre do neoliberalismo sobre o trabalhador. Como percebe a contribuição desse pensador para analisar o contemporâneo?**

Trata-se de um pensador bastante agudo em suas análises, e sua capacidade de síntese na escrita é algo exemplar. Um tema bastante recorrente nas suas obras é a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, regida pela positividade. Trata-se da consolidação da agenda ultraliberal e seu discurso individualista de apologia do eu performático em todas as esferas da vida, o "empreendedor de si". Transmite-se a ideia de flexibilidade para maior dominação da dimensão psicofísica do trabalhador em nome da inevitabilidade da dita nova ordem econômica que exige dedicação plena ao projeto da empresa. Não se pode mais esmorecer, não se pode mais sofrer. Obviamente que todos os abusos contra os direitos trabalhistas ocorriam desde os primórdios das revoluções industriais, mas a desqualificação da ação sindical, a desmobilização das bases trabalhistas, o fortalecimento das agendas político-autoritárias atrelado ao privatismo global conduzem o trabalhador ao isolamento, e assim há um processo contínuo de degeneração de sua vitalidade. Um exemplo bastante concreto da conversão do trabalhador em uma figura autocentrada reside na confusão entre a dimensão pública e a dimensão privada da vida, realçada pelo trabalho remoto no decorrer da pandemia da covid-19. Mantida em conexão laboral constante, a tensão existencial não permitia qualquer liberdade, ainda que provisória, em relação aos deveres do trabalho. O trabalhador





**"ESTAMOS EM UM FASCISMO DE MERCADO NO QUAL A PESSOA OUTRORA SAUDÁVEL E CONFIANTE DE SEU POTENCIAL CRIATIVO É ACOMETIDA PELA SÍNDROME DE BURNOUT, FASCISMO DE MERCADO QUE REQUER ZUMBIS PARA MELHOR DOMINAR AS MASSAS QUE, MESMO SOFRENDO TODO TIPO DE MISERABILIDADE SOCIAL, SE ACOPLAM AOS SLOGANS DEGRADANTES QUE MITIFICAM A REALIDADE CONCRETA"**

permanece sempre mobilizado, atento a todo tipo de coordenada, não importa a hora. Mesmo no sono não há reparação metabólica conveniente. Aliás, dormir pouco e se manter tonificado (não importa com qual recurso) se tornam virtudes do capitalismo ultraliberal, pois não apenas a perda de tempo é prejudicial para o sucesso econômico, mas também a impossibilidade de se usar cada parcela de vida na atuação contínua. E pensar que a própria moral puritana defendia no máximo de seis a oito horas de sono por dia. Na conjuntura do esgotamento

profissional absoluto, seis a oito horas de sono é inviável, agora é dormir muito menos e quiçá virar a noite na atividade. É o preço do amanhã.

**Podemos concluir que não dá para dissociar a expansão do esgotamento profissional nessa era da precarização existencial das circunstâncias políticas e econômicas que nos envolvem?**

Uma governança que se compromete diretamente com o dismantelamento dos direitos trabalhistas e que se associa promiscuamente com as castas plutocráticas certamente é um poderoso agente atuante para a degradação contínua dos trabalhadores cada vez mais desprotegidos legalmente. Tudo em nome da exaltação das forças do mercado para maior prejuízo da boa ordenação social. Estamos em um fascismo de mercado no qual a pessoa outrora saudável e confiante de seu potencial criativo é acometida pela síndrome de Burnout, fascismo de mercado que requer zumbis para melhor dominar as massas que, mesmo sofrendo todo tipo de miserabilidade social, se acoplam aos *slogans* degradantes que mitificam a realidade concreta.

**Quais são os estudiosos de Byung-Chul Han no cenário brasileiro na contemporaneidade? Poderia falar sobre as contribuições deles?**

Cito as pesquisas do meu amigo Wellington Lima Amorim, professor da UFRGS, e sugiro que acompanhem o seu trabalho, extremamente qualificado. Colaboramos em diversos projetos editoriais, em especial nos *Cadernos Zygmunt Bauman* e *Revista Húmus*. Temos ainda Ricardo Timm de Souza e Rubens Casara. Destaco também, humildemente, meus artigos sobre esgotamento profissional, ideologia gerencial, sociedade do desempenho, problematizações enraizadas em nosso cada vez mais imprescindível Byung-Chul Han. **hmt**

**FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL** é professor de Filosofia, contratado da UENP na área de Fundamentos da Educação, pós-doutor em Educação pela UEPG, autor de *Minutos de Reflexão*, da Editora Escala.  
[www.fabioantonio gabriel.com](http://www.fabioantonio gabriel.com)